

Curtir e Compartilhar: Biopoder e Construção de Masculinidades em Corpos Transgêneros no *Facebook*¹

Caio de Castro Mello SANTOS²

Carolina Dantas de Figueiredo³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO:

Partindo dos estudos de Foucault (1999) sobre biopoder, esse estudo visa identificar de que forma os corpos masculinos são representados através das postagens da página “Homens Transgêneros” no Facebook e como interagem os usuários da Rede Social com o conteúdo. Através das proposições da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1994), buscaremos compreender quais são os códigos recorrentes que constroem o padrão de masculinidade e corpo masculino no discurso construído nas mídias sociais em suas publicações e como se articulam as relações texto/imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Facebook; Masculinidade; Homens Transgêneros; Biopoder; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

Somos constantemente bombardeados pela mídia com imagens de corpos que seguem padrões representantes do ideal e do belo e que, na maioria das vezes, não condizem com a realidade da maioria dos tipos físicos dos consumidores desses meios de comunicação. Esses códigos acabam por restringir as possibilidades de existência dentro de uma diversidade que é negada incessantemente, em busca de uma padronização que aprisiona os sujeitos, os modela e exerce poder sobre eles.

Há indivíduos que subvertem as identidades de gênero, negando a determinação anatômica-biológica, construída socialmente, a seus comportamentos e experiências de

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: caiocastromello@outlook.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPE, email: caroldantasfigueiredo@hotmail.com.

vida. Esse estudo busca compreender de que forma os corpos trans*⁴ masculinos são representados pela página “Homens Transgêneros”⁵ no Facebook. Com o intuito de analisar a construção do ideal de estética corporal propagado pela página, far-se-á um recorte das postagens bem como da interação entre os usuários que a frequentam. Assim, através da Teoria Ator-Rede será possível entender de que forma as relações entre os atores no campo da rede social constroem um discurso de gênero e corpo e como atuam as forças que constituem uma lógica macroespacial de biopoder nesse contexto.

Partindo dos estudos de Foucault (1999), a pesquisa visa encontrar pistas de como o biopoder se manifesta através dos atores no ambiente virtual e de que forma essas relações de força e tensões provocam os laços que são estabelecidos nessas plataformas.

Compreender de que forma os discursos gerados nas novas mídias são construídos, partindo do pressuposto de que os media, nesse contexto, são quaisquer usuários da rede mundial de computadores, torna-se de suma importância para o campo da comunicação, e nesse caso, para os estudos de gênero. Na medida em que essas narrativas ganham espaço e se tornam cada vez mais acessíveis, faz-se necessário entender de que forma as representações dos sujeitos se dão e como contribuem para a formação de códigos, normas ou padrões sociais. A internet, e mais precisamente as redes sociais que se formam nas plataformas virtuais, tornam-se um lugar de referência, troca de informações e debates entre os usuários. Tratando-se de modelos de corpos atribuídos aos homens trans*, esse estudo amplia o olhar sobre as representações desses códigos, buscando compreender como atuam através da mídia. Se Beira et al. (2007) já apontava para um modelo restritivo e hegemônico de masculinidade propagado na grande mídia tradicional, buscar nas novas formas de interação social esses efeitos pode contribuir para os estudos no campo das ciências da sociedade.

⁴ O termo trans foi utilizado com um asterisco ao final da palavra para evitar classificações que podem ser excludentes. É um termo guarda-chuva, que inclui qualquer identidade trans, estando ela dentro e/ou fora do sistema normativo binário (masculino e feminino) de gênero.

⁵ Disponível em <<https://www.facebook.com/HomensTransOficial/timeline>>. Acesso em 30/11/2015.

1. Mídia e Biopoder: a construção dos corpos

O liberalismo emergiu em função das revoluções antiabsolutistas (STEWART JR., 1995) sob um olhar de doutrina, a qual visava suprir os anseios de uma nova realidade de organização política, social e cultural europeia e norte-americana. A substituição de governos monárquicos para regimes de representação democráticos, fundados em normas escritas e codificadas, desencadeou a busca por uma ordem constitucional que garantisse liberdades individuais. Essa nova estrutura exigiria um Estado regulador e assistencialista que passaria a criar liberdades no intuito de geri-las, em busca de um bem comum: a ordem. Não se trata mais de redomesticar e vigiar os corpos dos indivíduos, mas de gerir as “populações”, instituindo programas de administração.

Essa lógica social na qual os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, tem como caráter sintomático, do ideal de vigor e capacidade de dominar, a criação de códigos ou padrões, tomados como referência de uma representação estética superior, que garantiria efeitos de dominação sobre outras formas corporais periféricas. Daí a supervalorização dos corpos reproduzidos pela mídia como saudáveis e esteticamente mais belos. Como instrumento de proliferação de práticas e condutas, as diversas plataformas midiáticas se apoiam no discurso uníssono do modelo de corpo *fitness* como ideal à saúde e a sobrevivência, estritamente ligado às performances nas relações afetivas e sexuais modernas. Tais corpos, divididos de forma binária entre masculinos e femininos, codificam a partir do aparato anátomo-biológico, duas possibilidades de existência. O discurso do masculino se detém a sua representação enquanto ativo, viril e dotado de maior força e habilidades corporais, fenômeno que será abordado mais adiante.

Os media se encontram dentro da nova lógica capitalista de uma sociedade baseada no biopoder, na qual incitar o gozo torna-se estratégia eficaz. A lógica discursiva do sucesso e satisfação, voltada para o consumo, se materializa como guias, que oferecem passos para atingir os objetivos postos como essenciais à vida. Assim, “os media não atuam somente para informar, mas para fornecer mapas cognitivos/semióticos a seus leitores,

pacotes para o leitor viver no mundo globalizado, situar-se nele, agir nele segundo certas direções, visando ter sucesso e prazer” (PRADO, 2013, p. 107).

Seja na televisão, capas de revistas ou publicidades de rua, a representação dos corpos masculinos seguem códigos e padrões que definem uma série de atributos físicos e comportamentais que os caracterizam.

Na capa (Figura 1) da edição de número 36, do ano de 2009, a revista Men's Health traz o título: “construa o corpo que ela curte”, associado à imagem de um modelo musculoso. Em sua página no Facebook⁶, a revista se define como uma publicação que “aborda o estilo de vida do homem moderno e trata de saúde, *fitness*, nutrição, relacionamento, estilo, tecnologia e carreira”.



Figura 1 - Capa da 36ª edição da revista Men's Health. Abril, 2009.

O discurso do corpo saudável, nessa imagem, se condensa à construção do corpo desejado, da forma física atraente e bela. A imagem exalta os formatos corporais que garantem relacionamentos, algo como fatores de impulsão às práticas sexuais e afetivas.

⁶ <https://www.facebook.com/menshealthbrasil>

2. Masculinidades e transexualidade

Scott (1995) definiu o conceito de gênero como sendo “uma forma primeira de significar as relações de poder”. Na medida em que pairam sobre manifestações binárias (masculino e feminino), tidas como opostas dentro de algumas perspectivas, as diferenciações categóricas de gênero abrem espaço para os jogos de poder e dominação. Para autora, a partir dos símbolos que estão culturalmente disponíveis na sociedade, os gêneros são construídos tanto no campo do privado, a partir das relações parentais, como numa perspectiva macro, na economia e na política. Além disso, tais símbolos seriam guiados por conceitos normativos que limitariam as possibilidades de variadas interpretações dos mesmos.

Essa construção que ocorre a partir dos modelos disponíveis na sociedade, no entanto, não tem caráter determinista, tão pouco fixo e conclusivo. A partir dos estudos pós-estruturalistas, o gênero passa a ser percebido como uma categoria em constante construção, de caráter fluído, que se forma a partir das afetações pelas quais os sujeitos são expostos ao longo da vida. De acordo com Louro

“a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (LOURO, 2008, p. 18).

Ao dissolver a dicotomia sexo/gênero, Butler (2002) abre mão do olhar biologizante sobre o corpo, que o define pelos seus órgãos, para se debruçar sobre uma perspectiva que contemple o meio social como fator protagonista das formações das identidades dos sujeitos. Dessa forma, a autora questiona a influência do pênis e da vagina na construção de toda uma categoria identitária fixa, supostamente coerente e restrita que condiciona os corpos a reproduzi-las. A síntese nessas categorias torna-se problemática na medida em que toda uma pluralidade humana e complexos processos de subjetivação são marginalizados dentro das possibilidades de existência. Foucault (1999) denunciou a resistência a essas

imposições, ou manifestações de biopoder, que são exercidas sobre os corpos. Esses corpos “subversivos”, que não se adaptam aos códigos, Butler (2002) conceituará como sujeitos que vivenciam zonas de abjeção, as quais excluem e condenam suas formas de existência.

Sob essa perspectiva não biologizante abordada por Butler, será tratada a identidade de gênero masculina, nessa pesquisa. Partindo-se do pressuposto de que masculinidade não se refere a um corpo de macho, composto de pênis e próstata, os olhares do estudo voltam-se para outras possibilidades de representação dessa categoria identitária nos corpos humanos.

De acordo com Berenice Bento, a masculinidade é construída sob uma perspectiva relacional, ou seja, em função comparativa com a feminilidade. Contudo, não se trataria de uma forma radical de alteridade, que colocaria ambos em oposição, mas trata-se de um ponto de vista complexificador do relacional. A partir dos anos 1990, segundo a autora, o gênero passa a ser estudado levando em consideração as narrativas mais subjetivas das experiências de vida, como por exemplo, as diferentes formas como os códigos de masculinidade são vivenciados por homens negros e brancos, ricos e pobres, etc.

Partindo do disposto de que a masculinidade consiste em um conjunto de códigos que regem as formas de relacionamento e existência no meio social, construídos ao longo do tempo através de uma série de instituições (família, religião, Estado, escola, etc.), compreende-se que, apesar de sua construção estar estritamente relacionada culturalmente ao aparato anatômico-biológico (pênis e vagina), estes não se constituem como fatores determinantes.

Segundo Bento (2006), algumas pessoas vivem em contradição entre o corpo e sua subjetividade. Essas pessoas transexuais, transgêneros ou trans*, deslocam-se da lógica mais rígida que determina os padrões de comportamento em função dos atributos físicos que nasceram.

Dessa forma, esse estudo se debruça à análise da página Homens Transgêneros, a qual representa sujeitos que se autoidentificam como homens e, a partir disso, performatizam uma masculinidade.

3. Curtir e compartilhar: postagens e interações

Ativa desde o dia 18 de maio de 2013, a página Homens Transgêneros possui 13.607 curtidas⁷. O nome inicial da página “Homens Transexuais” foi alterado no dia 19 de agosto de 2015 pelo atual. De acordo com postagem da própria página, o termo “transgêneros” seria mais adequado às identidades ali representadas.

Na construção de uma performance de gênero masculino, a página é atualizada com postagens de imagens de homens transgêneros com um código corpóreo hipertrofiado, poses e gestos que remetem a representação midiática dessa identidade [masculina], frequentemente presentes nos comerciais e demais dispositivos de comunicação de massa.

A partir do álbum “Fotos da Linha do Tempo”, na página Homens Transgêneros, foram coletadas algumas imagens de fotografias publicadas entre os anos 2013 e 2015, a fim de trazer à tona a discussão acerca dos corpos representados e a forma como os usuários interagem curtindo, comentando e compartilhando o conteúdo. Para exemplificação e análise do material, foram escolhidas nove postagens (Grupo 1) que fazem parte do padrão corpóreo representado pela página, como discutido acima, e outras seis (Grupo 2) que fogem ao padrão hegemônico (corpos negros e gordos, por exemplo) que foram garimpadas entre as milhares de imagens publicadas. A partir do material coletado, foi criada uma planilha (Tabela 1) na qual são categorizadas as fotos em função dos números de curtidas e compartilhamentos; e dois gráficos, buscando-se compreender, a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1994), de que forma o público da página interage com as postagens.

⁷ Dados do dia 30/11/2015.

GRUPO 1

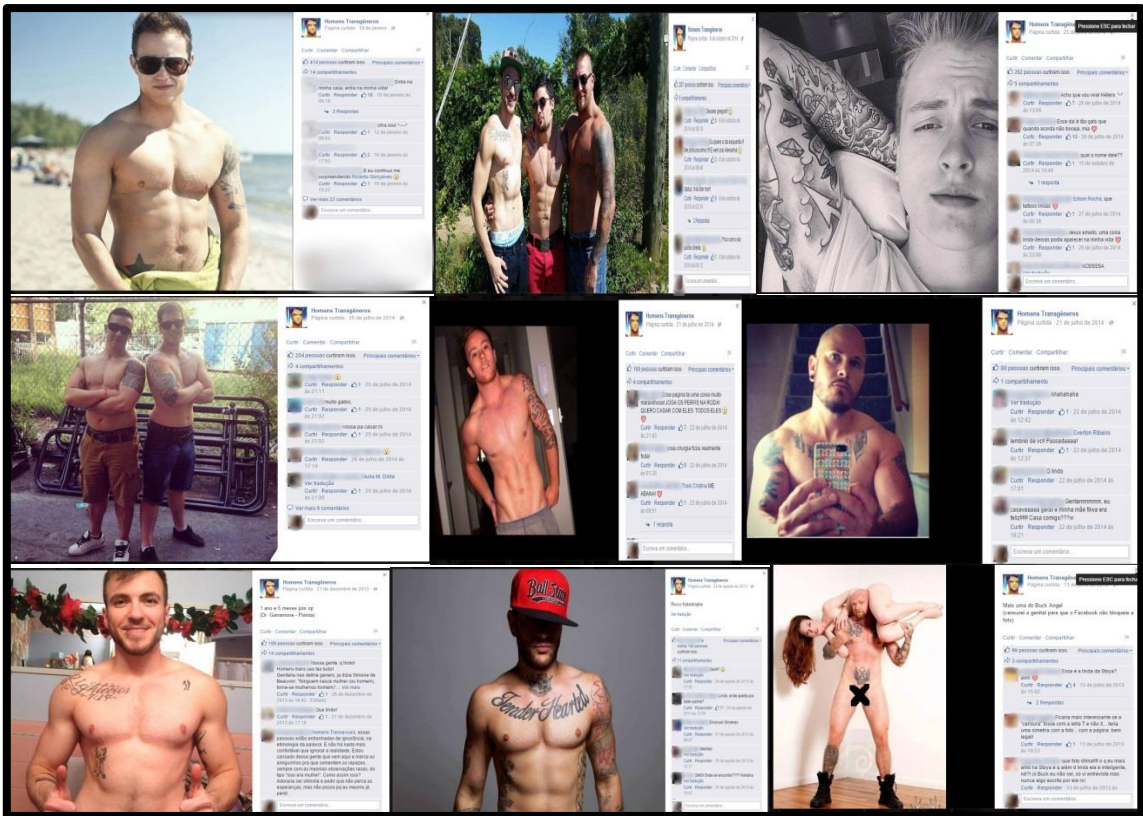


Figura 2 - Da esquerda para a direita, de cima para baixo, estão posicionadas as postagens nomeadas de A a I.

GRUPO 2



Figura 3 - Da esquerda para a direita, de cima para baixo, estão posicionadas as postagens nomeadas de J a O.

De acordo com a planilha a seguir (Tabela 1) é possível visualizar uma considerável diferença no número de curtidas e compartilhamentos entre os grupos 1 e 2. Enquanto a média do número de curtidas do Grupo 1 é de 207, a do Grupo 2 é de 34, número 6 vezes menor. Em relação aos compartilhamentos, o Grupo 1 apresenta uma média de 6,7 nas imagens analisadas, o Grupo 2, por sua vez, 0,3. O número de compartilhamentos do Grupo 1 é 20 vezes maior que o segundo.

Tabela 1 – Curtidas e Compartilhamentos das publicações por postagem

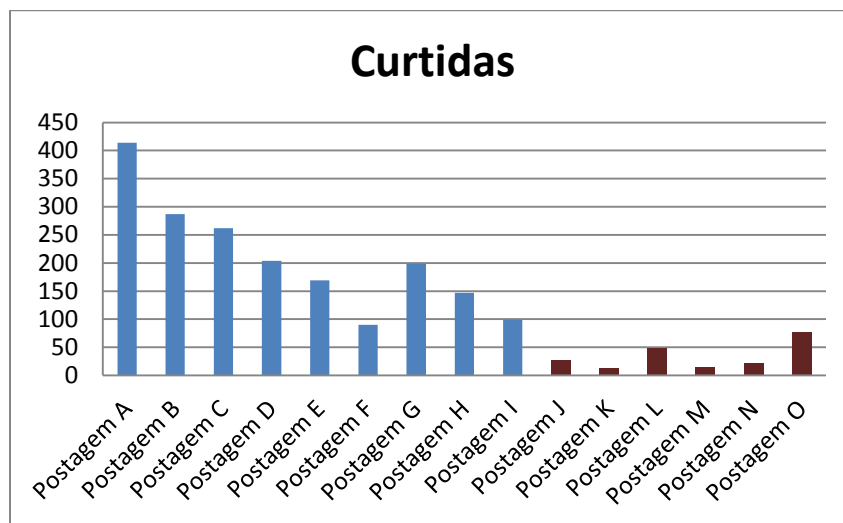
	Curtidas	Compartilhamentos
Postagem A	414	14
Postagem B	287	5
Postagem C	262	5
Postagem D	204	4
Postagem E	169	4
Postagem F	90	1
Postagem G	199	14
Postagem H	147	11
Postagem I	99	3
Postagem J	28	0
Postagem K	14	0
Postagem L	49	1
Postagem M	15	0
Postagem N	22	0
Postagem O	77	1

	Grupo 1
	Grupo 2

Na tabela acima estão apresentados os números de curtidas e compartilhamentos referentes a cada uma das postagens coletadas para análise. Em azul, estão as imagens pertencentes ao Grupo 1. Em vermelho, estão as imagens pertencentes ao Grupo 2.

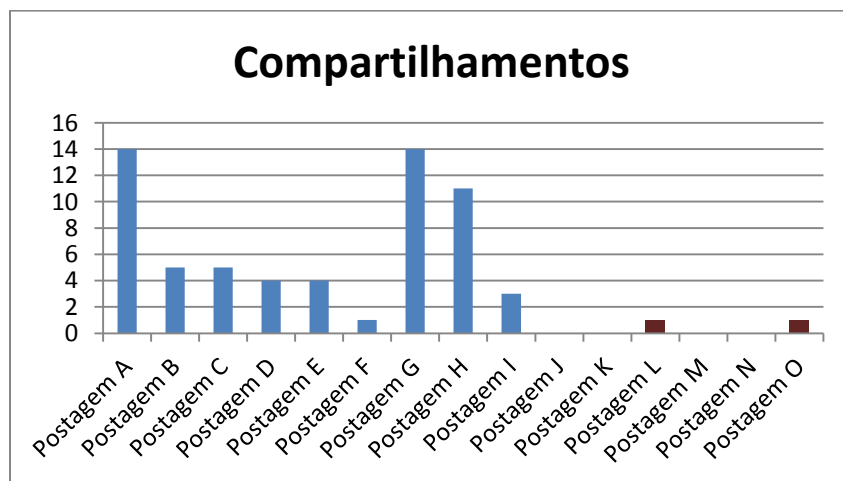
Os dados foram transformados em gráficos para uma melhor visualização das proporções, como mostram as figuras abaixo:

Gráfico 1 – Número de curtidas por postagem



No gráfico acima, são representados os números de curtidas por postagem selecionada para análise. As barras em azul representam as postagens do Grupo 1. As barras em vermelho representam as postagens do Grupo 2.

Gráfico 2 – Número de compartilhamentos por postagem



No gráfico acima, são representados os números de compartilhamentos por postagem selecionada para análise. As barras em azul representam as postagens do Grupo 1. As barras em vermelho representam as postagens do Grupo 2.

De acordo com Recuero (2014) a utilização do botão “curtir” no Facebook pode ser vista como uma forma de apoio e visibilidade. “Quando questionados a respeito de seu uso da ferramenta “curtir” no questionário, 277 respondentes (92,3%) argumentaram que serve para mostrar que viram a informação e que a consideram interessante, ou digna de atenção” (RECUERO, 2014, p.119). Curtir uma informação, de acordo com a autora, apresenta uma diversidade de funções conversacionais. É uma ação positiva, “no sentido de gerar valores de capital social e agregar esses valores à relação entre os atores envolvidos” (p. 120).

Na medida em que, “curtir” e “compartilhar”, nesse contexto, tem caráter positivo de concordância, elogio ou posicionamento a favor da postagem, pode-se inferir que a receptividade do conteúdo, por parte dos usuários, é mais positiva em relação ao Grupo 1, que apresenta números maiores. Pode-se afirmar também, através dos dados, que o conteúdo do Grupo 2 é menos interessante e menos passível de elogios.

A reiteração das disposições dos sujeitos entre vetores de forças de poder multidirecionais enfatiza o posicionamento dos corpos que Butler (1993) chama de abjetos. Corpos que não importam, para a autora, são aqueles que habitam zonas de abjeção. Esses não se materializam e não obtêm legitimidade social, são desconstruídos de sua humanidade e relegados à invisibilidade. Enquanto alguns sujeitos são reconhecidos em suas existências por pertencerem aos códigos corpóreos compartilhados pelo imaginário coletivo como modelos de masculinos, e, portanto recebem curtidas e compartilhamentos na página analisada, outros são marginalizados, ou, em alguns casos, ridicularizados. As estratégias biopolíticas de manipulação dos corpos se reproduzem nessa construção do padrão, contribuindo para a exclusão das alternativas que contrariam o sistema. Observando as imagens atentamente, pode-se inferir que, enquanto toda a página reitera frequentemente a representação dos homens trans* - musculosos e brancos - através das postagens de fotografias; os corpos que fogem a esse modelo aparecem em vezes mais raras, e, quando aparecem, possuem menos visibilidade (curtidas e compartilhamentos) por parte dos usuários. Assim, é possível afirmar que há poucos modelos de masculinidade e corpos para os homens trans* representados pela página Homens Transgêneros e apoiados pelos

usuários. Esses modelos coincidem, contudo, aos modelos de masculinidade hegemônicos que estão presentes nos discursos midiáticos (publicidade, quadrinhos, filmes, etc.), do homem viril, musculoso, tatuado, provedor, forte e “saudável”.

Pode-se observar, através das análises e categorização de materiais, que as estratégias de biopoder, as quais atuam no sentido de gerir a vida e os corpos para a manutenção de uma ordem, se reproduzem e se apresentam nos discursos que reiteram uma identidade hegemônica, como é o caso da página estudada. O modelo de corpo e masculinidade presente nas publicações condiz com o reproduzido pelos media, contribuindo, assim, para a construção de uma identidade restrita que seleciona alguns sujeitos enquanto pertencentes aos códigos estabelecidos e marginaliza os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos, baseados na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1994), buscou-se identificar de que forma os corpos são representados na página “Homens Transgêneros” no Facebook e, mais ainda, encontrar códigos de masculinidade recorrentes nas postagens.

Foram coletadas e categorizadas 15 imagens, nas quais, foi possível concluir que o ideal de masculinidade e corpo masculino reproduzido coincide com o propagado pelos media através das publicidades e outros produtos de massa. Mais ainda, tais modelos são mais elogiados, curtidos e compartilhados do que outros. Esses códigos não se tratam, porém, de um tipo de masculinidade qualquer, mas de um conjunto de características compartilhadas como modelo hegemônico. Este segue a lógica do que para Foucault (1999) buscaria garantir uma ordem, sob a necessidade de manter a população útil e dócil, com corpos saudáveis e dispostos. Os códigos sociais, sexuais e corporais, se manifestariam como uma espécie de biopoder através de uma autogestão dos corpos.

Foi possível, nesse estudo, visualizar uma considerável diferença no número de curtidas e compartilhamentos entre os grupos 1 e 2, no qual o primeiro representaria uma amostra do padrão hegemônico recorrentemente comunicado pela página, enquanto o

segundo, representaria corpos que fogem a esses códigos. Enquanto a média do número de curtidas do Grupo 1 é de 207, a do Grupo 2 é de 34, número 6 vezes menor. Em relação aos compartilhamentos, o Grupo 1 apresenta uma média de 6,7 nas imagens analisadas, o Grupo 2, por sua vez, 0,3. O número de compartilhamentos do Grupo 1 é 20 vezes maior que o segundo.

Nos comentários das postagens categorizadas no Grupo 1, os usuários elogiam os fotografados, demonstrando admiração por seus corpos. Já no Grupo 2, houve pouquíssimos comentários para serem analisados, em função da abstenção dos usuários em deixar alguma mensagem. Desses poucos, foi possível constatar que, ao contrário dos demais, não se apegam aos elogios voltados à beleza dos homens, mas sim, utilizam palavras de apoio aos processos de transição [adequação corporal ao gênero] ou, em alguns casos, enfatizam outras características, como cor da pele, por exemplo.

Na página, foi possível verificar que enquanto os sujeitos performatizam o modelo de masculinidade hegemônico em seus corpos, estes são reconhecidos como dotados de beleza, de virilidade e, de certa forma, têm o reconhecimento de suas existências enquanto homens. Ao contrário, quando há a fuga do padrão, os corpos se tornam abjetos (BUTLER, 1993), corpos que não importam, que na estrutura de poder, estão abaixo e, portanto, gozam de menos prestígio social.

Por outro lado, enquanto reforça tais discursos em suas postagens, a página apresenta enunciados controversos. É o caso da publicação na qual é compartilhada uma reportagem sobre uma campanha contra os padrões de beleza para homens trans*. Há, nesse caso, conflitos dentro do que é tido como ideal de corpo masculino para a “Homens Transgênero”.

Assim, os resultados desse estudo dão margem a outras indagações no campo das Ciências da Comunicação, como, por exemplo, de que forma esses discursos e padrões corpóreos reproduzidos no Facebook atingem os usuários da página e como eles reagem ao conteúdo qualitativamente. Buscando-se, através de entrevistas, opiniões e depoimentos dos

usuários acerca do conteúdo da página, seria possível diagnosticar se as curtidas e compartilhamentos, além de números, provocam compreensões diferenciadas sobre o ideal de masculino e de corpo. Mais ainda, é importante compreender como uma rede social de internet como o Facebook contribui para a construção e manutenção de modelos de identidade, suprimindo algumas e enaltecendo outras.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, I. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta, 1994. 226 p.
- BEIRAS, A., LODETTI, A., CABRAL, A. G., TONELI, M. J., & RAIMUNDO, P. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. *Psicologia & Sociedade*, 62-67. 2007.
- BENTO, B. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.
- BUTLER, J. *Bodies that matter*. Routledge: New York. 1993. 289p.
- BUTLER, J. *Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge (Taylor & Francis e-Library edition). 2002.
- CALLON, M. Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis. In: BIJKER, W.; HUGHES, T. & PINCH, T. (Ed.): *The social construction of technological systems*. Massachusetts: The MIT Press. 1999.
- DUARTE, J. F. Representações dos corpos masculinos na revista Men's Health. *Ciências Sociais Unisinos*, 235-247. 2012.
- DUQUE-ESTRADA, P. C. *Alteridade, violência e justiça: trilhas da desconstrução*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. 2004.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 13. ed. Graal, 1999. Digitalizado por: Digital Source. Ebook Kindle.
- HORVATH, W. Análise Complexa sobre a Conjuntura. In: *Reflexões de um Professor*. Disponível em <<http://reflexoesdeumprofessor.blogspot.com.br/p/conjuntura-complexa.html>>. Acesso em 10/06/2015.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. 316p.

LATOUR, B. *Reassembling the Social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005, 301p.

LOURO, G. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições*, 19, 18. 2008.

MORIN, E. *Cultura de Massas no Século XX*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.

PRADO, J. L. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: EDUC-Fapesp. 2013.

RECUERO, R. *Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook*. Verso e Reverso, vol. XXVIII, n. 68, maio-agosto, 2014.

RODRIGUES, S. M. *Eros e Tânatos: nossas porções de vida e morte*. In: Roda de Psicanálise: teoria, clínica e cultura. Disponível em <<http://www.rodapsicanalise.com.br/2013/11/eros-e-tanatos-nossas-porcoes-de-vida-e.html>>. Acesso em 10/06/2015.

ROSSI, A. Mitologia: abordagem metodológica para o Historiados da Antiguidade Clássica. In: *História*. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 36-52, 2007.

SABINO, C. LUZ, M. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 16(2):251-272, 2006.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade*. 1995.

SILVA, R. Apropriações do termo avatar pela Cibercultura: do contexto religioso aos jogos eletrônicos. In: *Contemporânea*, ed. 15, vol. 8, n. 2. 2010.

STEWART JR. D. *O que é liberalismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal. 1995.

VENTURINI, T. *Diving in Magma: how to explore controversies with actor-network theory*. Public Understanding of Science, 2010, 23 p.